

## CELSO FURTADO E ALDO FERRER SE CONTRAPÕEM A UM MODELO DE DESENVOLVIMENTO EM SOCIEDADES PERIFÉRICAS (1951-1954)

CELSO FURTADO AND ALDO FERRER ARE OPPOSED TO A DEVELOPMENT MODEL IN PERIPHERAL SOCIETIES (1951-1954)

Bruno De Almeida Gambert

Universidad Nacional de Quilmes/ Bolsista de pós-doutorado  
dealmeidagambert@gmail.com

**Resumo:** O artigo aborda os primeiros anos de um movimento intelectual conhecido como nacional desenvolvimentismo. As teorias de Celso Furtado e Aldo Ferrer, dois de seus pensadores, são revisitadas no momento em que intelectuais da periferia se empenham na interpretação de economias pouco desenvolvidas. As análises disciplinares que abarcam as regiões periféricas do globo eram, por via de regra, elaboradas por personagens situados nos países do centro do sistema econômico. A comparação entre ambos permite a identificação de uma aparente subalternidade do pensamento econômico latino-americano na tarefa de analisar as zonas remotas do comércio internacional. No presente estudo, a perspectiva comparada viabiliza a compreensão do posicionamento dos sul-americanos em contraposição a uma vertente específica de classificação, proveniente de sociedades hegemônicas, a respeito das economias pouco desenvolvidas.

**Palavras-chave:** Nacional desenvolvimentismo; Economias pouco desenvolvidas; Intelectuais periféricos.

**Abstract:** The article returns to the first years of an intellectual movement recognized in the view of two of its thinkers as national developmentalism, when intellectuals from the periphery engaged in the analysis of underdeveloped economies. The disciplinary analyzes that cover the peripheral regions of the globe were, as a rule, elaborated by characters located in the countries at the center of the economic system. The comparison between Celso Furtado and Aldo Ferrer allows us to inquire about the secondary aspect of Latin American economic thought when analyzing remote areas of international trade. In the present study, the comparative perspective makes it possible to identify the movement of C. Furtado and A. Ferrer in opposition to a specific strand of classification of less developed economies.

**Keywords:** National developmentalism; Underdeveloped economies; Peripheral intellectuals.

## Introdução

Os temas latino-americanos em perspectiva comparada privilegiam fenômenos dotados de similaridades. Entre os mais visitados, encontram-se os modelos coloniais Ibéricos de Portugal e Espanha na América, as independências latino-americanas, os conflitos entre as nacionalidades do cone sul na guerra no Paraguai (1865-1870), os populismos entre a década de 1930-1960 e as ditaduras civis-militares aprofundadas entre os meados desta e os anos 1970. Os tópicos listados são reconhecidamente campo da referida abordagem disciplinar, no entanto nos cabe salientar a necessidade de adicionar um, o nacional desenvolvimentismo, pois são escassas as investigações cotejadas por esta perspectiva que o enfocam. A corrente de pensamento responde pela forma pela qual os intelectuais da região interpretam singularidades da realidade econômica.<sup>1</sup>

Propõe-se o recorte de comparar uma temática encontrada nos artigos publicados por Aldo Ferrer e Celso Furtado no intervalo entre 1951-1954. Observa-se a dinâmica singular de reflexão que os unem, pois ambos se opõem a uma vertente de pensamento, ainda que em contestações distintas. Um dos objetivos deste estudo consiste em analisar a contribuição elaborada pelos latino-americanos, em sua fase de afirmação, nos saberes disciplinares. Privilegiam-se as publicações mencionadas e se torna relevante reconstruir um diálogo elaborado de forma internacionalizada no início dos anos 1950, instante no qual ambos se postulam à categoria de economistas pensadores de questões nacionais. Eles combinam de maneira complexa as abordagens sobre temas da sociedade a qual pertencem em diálogo com as teorias elaboradas para a periferia do sistema econômico. Vale ressaltar que a perspectiva comparada preenche uma importante lacuna e nos permite ressaltar os pontos de divergência e convergência dos personagens no contexto hegemônico em sua época.

As propostas comparativas, por vezes, localizam suas análises empíricas na América Latina, mas os aspectos teóricos com os quais são formuladas aludem, com

---

<sup>1</sup> Os autores a seguir abordam temas Latino Americanos e fazem uso de perspectivas que aludem a história comparada: Maria Capelato (1998), Noemí Gilrbal-Blacha; Sonia Mendonça (2007), Vanderlei Ribeiro (2008), Boris Fausto; Fernando Devoto (2009), Sikkink (2009), Ana Silva (2011), John Elliot (2012).

frequência, aos pensadores externos à área mencionada. Em artigo específico sobre as técnicas do estudo comparativo em sociedades europeias, Marc Bloch (1992) fundamenta matizes para a perspectiva comparada. Em os Reis Taumaturgos, utiliza uma problemática voltada às sociedades sincrônicas, aquelas que ocupam espaço aproximado e estabelecem relações entre si no decorrer do período histórico analisado. Detiene (2004) e Serge Gruzinsky (2016) acrescentam novas perspectivas de estudos comparados, o segundo vê conexões internacionais no momento com o qual os eventos se sucedem, o outro estabelece um prisma que compara o incomparável, avança sobre temas que distingue os contrastes e oferece protagonismo aos objetos divergentes. Sem perder de vista estas contribuições à área de saber, o artigo se aproxima em suas escolhas teóricas ao campo de Marc Bloch.

Apresenta-se como marco teórico a categoria de sociedades sincrônicas que compartilham o local, as estruturas históricas e o espaço geográfico. Sendo assim, recortam-se as ideias nacionais desenvolvimentistas entre dois pensadores, um argentino e um brasileiro. Ambos vivenciam eventos com similaridade reconhecida, interagem com a ordem mundial recém-reconvertida do período pós-guerra e se inserem em sociedades que estabelecem relações entre si. Eles dialogam com intelectuais originados e institucionalizados no centro do sistema econômico que dirigiam suas pesquisas para a questão de economias periféricas. Ressaltam-se as ideias de Ragnar Nurkse (1951;1953) de ciclo de estagnação em países pouco desenvolvidos que recebe críticas sistêmicas em embates recorrentes tanto por Celso Furtado (1952) quanto por Aldo Ferrer (1954). Um olhar que coteja os dois personagens constata que ambos abordam um problema, de maneira distinta, em temporalidades aproximadas.

Os estudos que comparam os autores e abordam a questão de sua época são escassos. Uma publicação situada na área de ciências econômicas se volta às controvérsias encontradas entre Ragnar Nurkse e Celso Furtado no início dos anos 1950. Bruno Oliveira e Carlos Bastos (2019) analisam, a partir de um recorte voltado ao pensamento econômico, a divergência entre os dois últimos personagens citados, concentram-se em temáticas que ultrapassam o recorte temporal aqui proposto. Em outra análise, Renata D'arbo (2004) aproxima as reflexões de Raul Prebisch aos dois

pensadores mencionados nos anos 1950. Seu estudo se conecta aos saberes específicos do modelo econômico e estabelece uma análise que transcende ao período em questão e resgata fatos situados em décadas posteriores. Os estudos citados retomam os anos 1950 e recortam as ideias para sua pesquisa inserindo-as na contemporaneidade. Os artigos estabelecem um diálogo incipiente com a conjuntura de época na qual os escritos foram realizados.

Vale ressaltar que a proposta do presente estudo aborda um episódio em sua complexidade cronológica, ou seja, o tempo é a variável analítica mais considerada. Logo, quando pensamos o momento, o foco analítico opta pelo reconhecimento dos conteúdos que o precedem e influenciam o objeto em questão, os antecedentes são de importância fundamental. Os desdobramentos, por sua vez, são visíveis ao pesquisador que se encontra no tempo presente, mas são desconhecidos aos personagens de época. Sendo assim, recorrer a escritos posteriores ao recorte de maneira analítica consiste em um exercício que tende à anacronia. A ordem e o contexto dos anos 1950 são determinantes para a sistematização do embate intelectual a ser pesquisado.

O método aqui utilizado reúne os escritos de Aldo Ferrer e Celso Furtado e os analisa em perspectiva comparada. Os sinais de atraso, como a questão agrária com o qual sistematizam temas produtivos de sua sociedade, ocupam um papel central no intervalo entre 1951-1954. As fontes são compostas de artigos e averigua-se o debate sobre economias observadas como atrasadas, estagnadas, através de uma perspectiva comparada na qual os aspectos interpretados como dos mercados internos nacionais recebem protagonismo. Despertam inquietudes nos dois jovens economistas latino-americanos as obras de H. W. Singer e Raul Prebisch, no entanto, a crítica e o debate com a teoria de Ragnar Nurkse ganha destaque no início dos anos 1950, quando as análises dos economistas atingem a mesma problemática.

Uma tendência dos pensadores encontrada nos artigos em análise é fundamentar o desenvolvimento a partir de uma perspectiva econômica que reinterpreta fragmentos da história como modelos colonial e feudal. No momento quando se torna urgente desenvolver a economia nacional, as estruturas societárias e administrativas, vigentes por séculos, são identificadas como ultrapassadas. Acreditava-se que a brecha comercial entre países centrais e periféricos cresceriam

ao longo do tempo. Sendo assim, inicia-se um movimento histórico permeado por conteúdo nacionalista. Vinculam-se o conteúdo de caráter intrinsecamente nacional e a abordagem comparada, reconhecendo ideias que ultrapassam a fronteiras e abarcam os países Latino-americanos. O modelo é válido para Argentina e para o Brasil, assim como para outros da região como Chile e México.

Os economistas argumentam em um debate internacionalizado. A hipótese em questão pressupõe a vigência de modelos de desenvolvimento que orientam os estudos das economias de países periféricos. Os autores dialogam com o conhecimento externo nos meandros da construção de suas obras, ou seja, as elaboram em debate multilateral. As formulações dedicadas aos países pouco desenvolvidos na esfera externa são reinterpretadas e abarcam as questões nacionais. Forma-se, desde um debate internacional, uma gama de saberes com a qual as economias nacionais serão analisadas. As tendências internacionais de um quadro do subdesenvolvimento com temática universal são agregadas a um estudo em um país específico e se tornam um tema usual entre os interpretados por latino-americanos.

Nos cabe fazer a seguinte ressalva, o olhar comparativo provocador de rivalidades e pautado pela teoria da modernização não contempla o estudo em questão. Evita-se a avaliação individual dos registros dos economistas. A história compartilhada entre ambos latino-americanos opta por reconstruir uma conjuntura de produção intelectual que se aproxima aos aspectos por eles vivenciados coletivamente. O estudo se opõe ao intuito de posicionar um autor em espaço privilegiado em relação ao outro, ao contrário, empenha-se em problematizar questões despertadas pelo cotejo de ambos. Os pensadores se organizavam em eventos diplomáticos, em congressos e em reuniões disciplinares. Suas narrativas são edificadas em acordo com a sociedade de origem, mas o debate acadêmico e a fundamentação do saber se efetuam também em arenas exteriores, em uma delas, concentra-se o estudo em questão, na qual Celso Furtado e Aldo Ferrer se contrapõem às premissas de Ragnar Nurkse.

## **As economias pouco desenvolvidas em debate**

A problemática do desenvolvimento se impõe gradualmente sobre os antigos preceitos da civilização vigentes desde a primeira metade do século XX. Com a Segunda Guerra, 1939-45, há uma aceleração na mudança de paradigmas. O evolucionismo e o imperialismo se enfraquecem, assim como são escamoteadas as noções supostamente científicas e biológicas de raça superior e de determinismo geográfico. Por outra parte, o crescimento econômico emerge como temática central decorrente da hegemonia estadunidense. Uma hierarquia pauta as características produtivas e estratifica as nações tendo em vista seu posicionamento no sistema político comercial. O ordenamento condiciona os capitalistas desenvolvidos à liderança e são contrapostos aos socialistas e, mais distanciados, estão os pouco desenvolvidos, membros da periferia mundial.

Vivenciam-se regimes de características autoritárias no plano político nos anos de populismo, mas com medidas que democratizam os direitos sociais e possibilitam o acesso aos direitos de trabalho e à renda a uma vasta quantidade de habitantes, o que contribui para a popularidade dos regimes. Ultrapassada uma fase de golpes de Estado, os líderes recebem o mandato presidencial por meio da eleição nos moldes democráticos. Entre 1951 e 1954, vive-se o intervalo no qual Argentina e Brasil são governados por líderes carismáticos, respectivamente, Juan Domingo Perón e Getúlio Dornelles Vargas. O intervalo se traduz em uma fase de otimismo com o reestabelecimento das instituições políticas, ao passo que, na economia, experimentava-se o movimento de substituição de importações conduzido pela intervenção estatal.

A afirmação da Comissão Econômica para a América Latina, CEPAL, marca o contexto e se estabelece em Santiago, capital chilena. A repartição do organismo subordinado à Organização das Nações Unidas, nestes anos, é dirigida por Raul Prebisch que recrutou jovens economistas, dentre os quais se encontrava Celso Furtado. Aldo Ferrer, por sua vez, não se vincula ao meio, pois sua relação com o mencionado diretor se estabelece em um seminário na Universidade de Buenos Aires, em 1948. Ambos os autores pesquisados se conectam com o líder cepalino, um por questões de pertencimento ao órgão burocrático, outro pela convivência acadêmica estudantil. Apesar disso, o ponto de destaque se encontra nos aspectos

teóricos, pois os jovens economistas internalizam a teoria da gradativa perda de valor dos produtos primários de exportação como parte constitutiva de seu saber. Por meio deste conhecimento, eles se referem ao intelectual tucumano.

São escassas as produções disciplinares que retornam aos anos cinquenta para revisitar a obra dos personagens. Acredita-se que não o fazem porque as contribuições mais significativas são publicadas posteriormente. Por esta razão, justifica-se o ato de recuperá-las com especial atenção ao contexto, para elucidar como a teoria do nacional desenvolvimentismo, ou uma outra nomenclatura bastante usual, o estruturalismo latino-americano, constrói os argumentos que legitimam a percepção do atraso nas economias pouco desenvolvidas. Os primeiros momentos correspondem ao processo no qual a ideia desenvolvimentista obteve relevante difusão na América do Sul. Sabe-se que a opção de selecionar os personagens se preocupa com a viabilidade de um estudo comparado que põe em questão um dos aspectos internacionais da formação da teoria econômica latino-americana.

W. H. Singer (1950) também recebe destaque nos escritos dos pesquisadores. Naquele momento, o intelectual alemão radicado na Inglaterra publica "*Comercio e inversión em países poco desarrollados*", um artigo com o qual se aproxima da teoria de Raul Prebisch (1949). Vele ressaltar que o foco analítico que se origina no centro do sistema responde pela singularidade de sua argumentação. Ele opta por reconstruir as bases de compra e venda de bens primários mantidas e efetuadas pelo centro-europeu hegemônico nas primeiras décadas do século XX. Os núcleos industrializados se beneficiam do decréscimo de custo das matérias primas. Com vistas à produtividade, o autor elenca dois principais modelos de comércio de gêneros agrícolas: um que se destina ao centro e outro que percorre seu ciclo de produção e consumo nas economias pouco desenvolvidas.

Os bens agropecuários produzidos na periferia se dividem em duas categorias: os que se destinam para a exportação e são consumidos nos grandes centros e aqueles destinados ao abastecimento das carências do mercado interno que suprem a demanda local. O primeiro deles se conecta com os centros desenvolvidos, seja em questão de técnica produtiva elevada ou na constante aquisição de maquinários e de investimentos estrangeiros, o que a seu ver

corresponde a uma parte das sociedades centrais que se dispersa em regiões remotas. O segundo, por sua vez, está na produção agrária para o abastecimento das sociedades periféricas, ou seja, de autossuficiência. Utilizam-se do emprego de métodos arcaicos de técnica limitadas e de baixa remuneração. Singer descreve a distribuição geográfica dos cultivos que se encontram desta maneira:

... Es probable que las plantaciones de té de Ceilán, los pozos petroleros de Irán, las minas de cobre de Chile y la industria del cacao de la Costa de Oro sean todos ellos más productivos que la producción agrícola para el consumo interno de esos países: pero bien pueden ser menos productivos que las industrias que habrían podido desarrollarse si esos países no se hubieran especializado en la exportación de alimentos y materias primas en la medida en que lo están hoy día, dando lugar así a que la producción de bienes manufacturados se llevara a cabo en otros países con una eficiencia mayor (SINGER, 1950, p. 237).

O fragmento ressalta as continuidades entre os artigos agrários produzidos na periferia e requisitados pelo centro. A escala geográfica corresponde à vasta região periférica, seja no oriente médio ou na América Latina. O autor destaca que o centro se beneficia pelo fato de não dispender mão de obra e recursos administrativos na produção destes bens por meio das aquisições oriundas de zonas mais remotas, de maneira que os recursos humanos se liberam de tais funções e se tornam disponíveis para alocação em atividades mais rentáveis. Em outro tema, as elites mundiais, inclusive as periféricas, suprem-se da produção dos artigos elaborados dos países cêntricos. O consumo das classes altas de zonas empobrecidas é fundamental para manter o dinamismo nas regiões produtoras de industrializados. Constata-se, abaixo, a enumeração de fatores que reforçam a tendência de desenvolvimento nas sociedades centrais.

- a) posibilidad de aumentar sus exportaciones de manufacturas y así transferir su población de ocupaciones de baja productividad a ocupaciones de alta productividad;
- b) disfrute del impulso dinámico general que producen las industrias en una sociedad en progreso.
- c) disfrute de las economías derivadas de la mayor escala de producción a medida que las industrias manufactureras se expandían

- d) beneficio de los frutos del progreso técnico en la producción primaria, como principales consumidores de materias primas;
- e) beneficio de una contribución de los consumidores extranjeros de artículos manufacturados, que representa su contribución a la renta creciente de los productores de dichos artículos. (SINGER, 1950, p. 243).

Observa-se que a ordem estabelecida concentra as atividades produtivas de maior saber técnico no centro do sistema, motivo pelo qual ocorre uma especialização das funções agrícolas nas periferias que, por sua vez, abastecem as zonas industrializadas. O ciclo descrito tem o efeito multiplicador dos bens industriais no centro, ao passo que as especializações primárias são impulsionadas em zonas afastadas. A divisão do trabalho mencionada dinamiza os mercados das regiões hegemônicas e as especializações produtivas aprofundam a ordem desigual. Singer resume as vantagens obtidas pelas sociedades industriais e prevê uma diminuição no valor pago pelos produtos menos elaborados.

Raul Prebisch (1949) e H. W. Singer (1950) formulam a teoria de decrescimento do preço dos produtos agrícolas no período posterior à segunda guerra mundial. O primeiro com a perspectiva Latino-americana, na qual o interesse recai na necessidade de intervenção estatal para o surgimento de empreendimentos fabris na periferia. O outro, por sua vez, analisa a partir de uma localização europeia e enfatiza a lucratividade obtida pelos países centrais reconhecidas naquela organização do comércio internacional. Ambos são influentes nesta primeira fase, os debates sobre a superação do atraso nas regiões pouco desenvolvidas passam por este tema no qual os lucros se concentram nas naquelas sociedades. Prebisch e Singer preveem a necessidade de intervenção no mercado por meio da ação estatal para viabilizar o processo industrial.

O debate sobre o atraso nas periferias que enfatiza o aspecto de estagnação se encontra nos estudos de Ragnar Nurkse. O presente estudo privilegia suas palestras publicadas pela Revista Brasileira de Economia, em 1951, e se situa no campo do saber referente às economias pouco desenvolvidas. Oriundo da Estônia, Nurkse se tornou um especialista ao cursar os estudos universitários em Viena, capital austríaca, local de suas primeiras publicações. Posteriormente, exerceu um cargo na secretaria da Liga das Nações em Genebra. Vale destacar a filiação

institucional que o acompanha no momento de preferir as apresentações, docente na Universidade de Colúmbia, um centro estadunidense destacado. Com aproximadamente 40 anos, tinha obtido reconhecimento da produção de saber econômico em seu tempo histórico e tinha frequentado a esfera internacional por longa data. No período referido, suas palestras recebiam o aval institucional da ONU (KATTLE et al, 2009, p. 38).

Em 1951, em um texto elaborado para a Revista Brasileira de Economia, Ragnar Nurkse baseia seus estudos nos fundamentos de Schumpeter, para o qual a ação individual do empresário é significativa no protagonismo do desenvolvimento econômico. Porém, segundo o autor austríaco, o indivíduo se vincula as condições do mercado e o tamanho deste é relevante. O comércio de grande proporção, como se pode imaginar, não estabelece um encadeamento pré-determinado pelo expressivo número de habitantes, mas sim a capacidade de produção, de consumo, poupança e investimento. O ciclo da estagnação se instaura pela perspectiva do trabalho com baixa produtividade, que atribui pouco valor às remunerações e ao consumo. Por outro lado, uma sociedade de baixo valor excedente tem pouca demanda por consumir, poupar e investir. A China a Índia e o Brasil são grandes em termos territoriais e populacionais, mas, naquele momento, formavam mercados de capacidade reduzida, ou seja, sociedades com o quadro mercantil estagnado (NURKSE, 1951, p.17).

Em linhas gerais, o modelo no qual o autor retrata a periferia mundial, refere-se às localidades como América Latina, África e Ásia como local de baixa produção e, por consequência, pouca expressão na renda per capita. Reconhece as sociedades como marcadamente desiguais e indica o caminho de distribuição igualitária de renda como uma das tendências que podem ser desvantajosas e provocar a estagnação. Uma vez efetuada a equidade, a quantia repartida se torna pequena e insignificante a ponto de inviabilizar as ações de poupança e investimento, fomentando o quadro de baixo ou nulo crescimento, ou seja, um ciclo vicioso de imobilidade. Divididos em duas perspectivas, tanto pela demanda e quanto pela oferta que completam o ciclo maior de estagnação. Então, a opção por viabilizar o crescimento econômico por meio de investimento, ganho de produtividade e crescimento de demanda é mais coerente aos países de renda baixa.

Os mercados pouco desenvolvidos enfrentam a barreira formada pelas suas elites agrárias. Uma parte da capacidade reduzida de consumo se descreve pelas tendências na qual as classes altas periféricas se empenham em adotar um modelo de vida semelhante aos das sociedades industrializadas. A estrutura de divisão de bens, marcada pela desigualdade, concentra recursos nas camadas mais abastadas. Estas, por sua vez, empenham os acúmulos em bens de consumo oriundos dos países industrializados, o que reforça o ciclo de baixa demanda e investimento no mercado interno das economias de menor expressão. Nurkse acredita que a escolha pelo padrão de vida similar aos dos grandes centros é generalizada. Em cenário hipotético, uma vez que as rendas sejam distribuídas, a preferência pelo consumo de importados, a seu ver, será um entrave ainda maior.

Destaca-se que o grupo dos economistas mencionados, Raul Prebisch, W. H. Singer e Ragnar Nurkse, se encontram em idade mais elevada, possuem o que a sociedade considera como maturidade e reconhecimento na comunidade acadêmica, isto é, equivalem a uma esfera consolidada do saber. Há nuances que são ressaltadas antes de abordar o diálogo acadêmico a seguir, uma é a identificação indevida, na cronologia em questão, em que Aldo Ferrer e Celso Furtado figuram como economistas consagrados. É preciso recordar que, no recorte temporal estabelecido, os escritores estão nos passos fundadores de suas carreiras. No início dos anos 1950, ambos detinham expressão pontual em seus primeiros intentos, mas já emitiam sinais de serem jovens acadêmicos promissores e estavam, respectivamente, com 23 e 30 anos.

O estudo de mercados pouco desenvolvidos demonstra que os conhecimentos originados no centro do sistema econômico são adotados de maneira dinâmica pela comunidade acadêmica. Forma-se uma corrente de pensamento sobre o subdesenvolvimento cujos expoentes são, como na maioria dos estudos científicos, personagens com destaque nas instituições mais privilegiadas, salvo exceções pontuais. Os indivíduos da periferia, por via de regra, encarregam-se de sistematizar a estrutura econômica de suas sociedades, condicionam-se ao debate local e possuem pouca expressão na esfera internacional. Há uma diferença entre o saber de característica universal, comum naquele momento, contraposto ao regionalizado e situado em uma determinada fronteira nacional.

A partir deste prisma a questão é ainda mais complexa. Raul Prebisch é um dos grandes expoentes do pensamento latino-americano. A Argentina do início do século XX caracterizava-se como uma sociedade periférica e próspera, sua economia se concentrava em atividades primárias, mas com rentabilidade elevada e se distingue das demais que a cercam pela lucratividade. Suas instituições, como o Banco Central, recebiam reconhecimento internacional na região. Então, o intelectual estava em um espaço de centralidade em uma formação social de zona remota. Durante sua gestão, a iniciativa de instalar a CEPAL em Santiago do Chile era contemplada com desconfiança e se duvidava da capacidade dos intelectuais latino-americanos para sistematizar sua própria economia. Estimava-se que caso o fizessem, deveria ser coordenado por economistas do centro do sistema. Havia incertezas com respeito à potencialidade dos pensadores periféricos (DOSMAN, 2001, p. 94).

Celso Furtado traduziu e publicou o artigo de Raul Prebisch “*A América Latina e seus principais problemas econômicos*”, na Revista Brasileira de Economia, em 1949. Redigiu o texto em dois idiomas, tanto para o português quanto para o francês. Desta forma, o brasileiro transitava entre as estruturas nacionais e as internacionais francófonas com a qual mantinha vínculos que se remetiam aos anos de sua formação. Furtado havia se formado em Direito na Universidade do Brasil, em 1944, atual Universidade Federal do Rio de Janeiro. Em seguida, doutorou-se em economia na Paris-Sourbone, na França, em 1948, com tese sobre a economia colonial brasileira. Com sua adesão a Cepal começa a integrar um coletivo de pensadores latino-americanos como os quais estabelece parcerias intelectuais. O economista se forma em um dos centros do sistema e já havia se acostumado a decodificar o saber científico ali originado.

Aldo Ferrer, nascido na capital Buenos Aires, é um dos jovens talentosos economistas. Frequenta um seminário ditado por Raul Prebisch em 1948. Mais tarde, Ferrer se destaca em um processo seletivo que o leva a um estágio de *trainees* na Secretaria Geral da ONU, em Nova York. Nos anos de seu doutorado, redige os primeiros escritos, quando se aproxima de um pensador latino-americano, Horacio Flores Peña, intelectual mexicano egresso da UNAM e publica um dos primeiros artigos na *Revista Trimestre Económico* em 1951. Obtém o doutorado por uma

instituição argentina, UBA. De outro modo, por via da experiência profissional obtida em território estadunidense, o seu saber interage com os originados no centro do sistema. Mais tarde, publica o livro decorrente da tese de doutorado “El estado y el desarrollo economico”, de 1954.

Os personagens de nosso estudo comparativo estabelecem relações profissionais e acadêmicas em esferas centrais, respectivamente, na Europa e na América do Norte. Cada um, a sua maneira, insere-se no debate realizado no exterior. Por vezes, os núcleos industriais influenciam, desde uma perspectiva científica, a construção de saberes na periferia, o que se realiza por meio do recrutamento de intelectuais promissores, assim como há, em contrapartida, o interesse por parte dos indivíduos em se integrar às instituições de prestígio nas áreas centrais. No entanto, com o ingresso da Cepal e sua influência nos centros de saberes locais, observa-se a construção de uma escola própria na América Latina. Os cientistas se interessam em interpretar as problemáticas locais que ultrapassam as fronteiras nacionais, se aproximam das questões de orientação universal, e tem início um movimento estruturalista nas correntes de pensamento regionais.

Naqueles anos, estava em voga a tendência a adotar nos estudos uma perspectiva na qual uma parte, relevante e central no processo econômico, passa a representar a totalidade. No artigo em questão, Nurkse ensaia a construção de um modelo específico de ciclo de estagnação que se posiciona como uma chave de leitura e, com este objetivo, desvenda-se a conjuntura econômica com ênfase nas principais transações comerciais das sociedades pouco desenvolvidas. As ciências econômicas debatiam grandes modelos explicativos e a matriz considerada universal, generalista, impunha-se em um debate nos grandes centros. Entende-se que os economistas periféricos se encarregavam de interpretar as questões econômicas de suas nacionalidades e interagiam com o conhecimento construídos nos centros, principalmente com as referências teóricas seja neoclássica ou keynesiana. Um dos desafios estava em analisar as zonas remotas desde uma abordagem pretensamente geral.

Com a intenção de abarcar um modelo explicativo para a economia de países pouco desenvolvidos, Ragnar Nurkse apresenta palestras em repartições da ONU das quais incluem a América do Sul. O modelo de estagnação em relação ao acúmulo

de capitais, encontrado em economias pequenas, é um dos objetos destacados em sua oratória. As conferências do autor publicadas pela Revista Brasileira de Economia em 1951, recebem a leitura analítica de Celso Furtado. O estônio trabalhou no Brasil e publicou em revista local, o jovem intelectual local deduziu que havia interesse no debate acadêmico por parte do estrangeiro. Então, o economista brasileiro redige um texto analítico em formato de diálogo científico no qual indica as concordâncias e divergências com as apresentações do europeu.

O autor brasileiro estabelece uma interação acadêmica de forma cuidadosa, visando à interposição de ideias. Na conjuntura da formação da CEPAL, como já mencionado, as tendências dos economistas Latino Americanos para a análise da economia do continente estavam em pauta. Existe uma crença na afirmação dos saberes científicos como algo intrínseco a natureza disciplinar, vale dizer, um saber dotado de características objetivas, sendo assim, não havia maiores impedimentos para a interação disciplinar. Uma crítica analítica, possivelmente, contribui ao enriquecimento do tema abordado. Destaca-se no fragmento abaixo o primeiro parágrafo com os comentários de Celso Furtado sobre as palestras de Ragnar Nurkse.

As seis conferências pronunciadas no Brasil pelo professor da Universidade de Columbia R. Nurkse, sobre Formação de Capital e Desenvolvimento Econômico, (1) podem ser consideradas como um dos esforços mais sérios feitos por economistas de países "desenvolvidos" para compreender os problemas que enfrentam atualmente as economias subdesenvolvidas. Os resultados altamente positivos desse esforço nos encham de otimismo com respeito à aplicação do instrumental analítico moderno aos problemas do desenvolvimento atual de áreas atrasadas.

A inexistência de material informativo de base e o resultante desconhecimento da realidade econômica criaram nos economistas dos países subdesenvolvidos o hábito de raciocinar por analogia, na ilusão de que a um determinado grau de generalidade os fenômenos econômicos seriam iguais em toda parte. Infelizmente, nem sempre é possível tirar conclusões aplicáveis a situações concretas de teorias que, se bem apresentam uma grande consistência lógica, estão construídas num elevado nível de abstração. É de esperar, entretanto, que o enorme esforço de pesquisa estatística que atualmente se realiza em muito países subdesenvolvidos contribua para que o pensamento econômico venha a ser nesses países o poderoso instrumento de análise da

realidade social que já é em outras partes do mundo (FURTADO, 1952, p.1)<sup>2</sup>.

Como o esperado, além da versão em dois idiomas impressos na Revista Brasileira de Economia, no ano seguinte o periódico *El Trimestre Económico* o publicou em espanhol. O debate ganhou repercussão o que aparentemente não agradou ao intelectual europeu. A leitura das críticas gerou uma resposta por parte de Ragnar Nurkse intitulado "Notas sôbre o Trabalho do Sr. Furtado Relativo a "Formação de Capitais e Desenvolvimento Econômico". O estônio menciona o nome do intelectual no título da publicação, uma resposta pública e objetiva aos comentários elaborados por Furtado. Já no primeiro parágrafo, a diferença do anterior, no qual os bons tratos prevaleciam, o tom escolhido por Nurkse é mais áspero, desclassificador e deslegitimador. Invalida as afirmações do brasileiro e o condiciona a uma interpretação errônea, em texto, supostamente objetivo, porém carentes de reflexões mais profundas e de alteridade para com a interpretação do pensador. Os adjetivos por ele selecionados invalidam a intelectualidade alheia, como se observa no trecho:

O artigo de Celso Furtado sôbre "Formação de Capitais e Desenvolvimento Econômico", publicado nesta revista (setembro de 1952), representa um estudo interessante. mas contém uma série de afirmações que parecem interpretar erradamente, certas idéias minhas, expostas em conferências também publicadas na mesma revista, em dezembro de 1951. Em primeiro lugar, não compreendo porque Furtado acha que eu teria afirmado que "o problema básico dos países subdesenvolvidos não estaria do lado da escassez de poupança e sim na falta de estímulo às inversões, em razão da limitada capacidade de absorção do mercado" (pág. 10 de seu trabalho). Procurei fazer uma distinção entre o lado da procura e o lado da oferta, no problema da formação de capitais (pág. 14 das conferências). Apenas a primeira conferência foi dedicada ao problema da procura, tendo as demais tratado do problema da oferta. No fim da primeira, afirmei claramente minha opinião de que "o obstáculo do lado da procura não é tão importante nem tão fácil de ser superado, quanto à deficiência do lado da oferta" (Conferências, pág. 34). A dificuldade do lado da procura era, para mim, apenas "o primeiro ponto a ser esclarecido", antes de tratar dos diversos aspectos do problema da oferta de capitais. Duvido, por isso, que um leitor cuidadoso tenha realmente a impressão, que

---

<sup>2</sup> A reprodução mantém o formato original e conserva a grafia da língua portuguesa do momento,

parece ser a do meu crítico (de acôrdo com a pág. 13 de seu artigo), de que, em minha opinião, qualquer país atrasado pudesse "levantar-se pelos próprios cabelos", desde que cuidasse do lado da procura. No início de minha primeira conferência expliquei que estava considerando apenas um aspecto do problema. As dificuldades mais fundamentais do lado da oferta foram inicialmente postas de lado com o fim único de tornar mais clara a discussão. Tratar dos diversos aspectos de determinado problema separadamente é um procedimento legítimo, habitual e inevitável, em análise econômica. (NURKSE, 1953, p. 1)

O ciclo de palestra de Nurkse no Rio de Janeiro e a ausência de diálogo com Celso Furtado traduzem uma contraofensiva. As afirmações do autor estônio são um contraponto ao protagonismo do Latino-americano, porque o ciclo de pobreza e estagnação mencionado na sua obra obtêm seu curso interrompido por uma força externa, ou uma inserção específica no comércio exterior. A metáfora utilizada para sua expressão se refere à incapacidade de um indivíduo elevar-se aplicando força no próprio cabelo, ou seja, precisa de um impulso externo para alcançar o desenvolvimento econômico. A metáfora é invalidada, porque, segundo o europeu, a parte da oferta que não foi considerada. E como de se esperar a resposta não valoriza internaliza e reconhece o mérito do trabalho crítico ali estabelecido.

O modo pelo qual Nurkse rechaça as intervenções de Furtado manifesta uma postura de superioridade em relação ao pensador do sul. Ele tece críticas à forma pela qual o periférico analisa a teoria supostamente universal e encera as oportunidades de interação disciplinar. Além disso, reflete uma questão geracional na qual os economistas consolidados tendem a ser hostis com os mais jovens em seu momento de inserção. Há uma conexão entre a perspectiva de inadequação e os personagens locais, como se o espelho de atraso encontrado nas sociedades pouco desenvolvidas também estivesse conectado com os intelectuais que a mesma produz, um aspecto que ultrapassa a perspectiva econômica e se irradia para outras dimensões sociais e culturais.

Motivado pela necessidade de invalidar os argumentos de Furtado, Ragnar Nurkse escreve um novo artigo. A resposta do autor se dirige à invalidação de uma crítica e o modo pelo qual a contra-argumentação se organiza expõe a subalternidade em que o escritor do norte situa o interlocutor latino-americano. Notam-se aspectos subjetivos que atestam uma imperícia de Nurkse em expressar

discordância em moldes mais adequados à atividade profissional e a ênfase empregada traduz aspectos subjetivos relacionados à hierarquia dos saberes acadêmicos. Em uma prática disciplinar, críticas são mais relacionadas ao conteúdo sendo sequer necessária a menção ao nome do autor no título da obra. Além do mais, os adjetivos direcionados ao leitor são desnecessários e não acrescentam saberes ao debate acadêmico.

Após a tréplica, o evento ganha mais um episódio. O texto de autoria de Celso Furtado alcançou mais repercussão. Uma tradução ao inglês foi impressa na revista *International Economics Papers* sob o título de “*Capital formation and economic development*”, em Londres, Reino Unido em 1954. Aparentemente, o impedimento viabilizado por Nurkse contribuiu para que o texto no qual é criticado ganhasse uma versão publicada em outro idioma. Os interlocutores anglo-saxões obtiveram acesso às críticas de C. Furtado ao pensador europeu. O brasileiro, por sua vez, empenha-se em fomentar uma obra teórica própria e deixa de lado os embates provocados pelo pensador estônio. No mesmo ano, Furtado elabora uma análise para o desenvolvimento econômico em artigo publicado na revista *El Trimestre Económico*. O escrito reforça sua inclinação para teorizar sobre o desenvolvimento desde a perspectiva universalista e não há referência ao Ragnar Nurkse, ou seja, não se interessa pela continuidade da recente interlocução supostamente científica.

Em 1953, Nurkse reúne os conteúdos de suas apresentações no livro intitulado “*Problems of capital in formation in underdeveloped countries*”, publicado em Oxford, pela editora Basil Blackwell. Aldo Ferrer, por sua vez, embasando-se na obra mencionada, é mais um personagem a dialogar com a teoria de estagnação nas economias periféricas impulsionada pelo estônio. Vale a pena recordar que Celso Furtado interage com a publicação em suas apresentações na Revista Brasileira de Economia. Aldo Ferrer, de modo distinto, interpreta, analisa e se opõe ao conteúdo veiculado na revista de língua inglesa. Cabe ressaltar que a forma pela qual o argentino emprega os questionamentos diferencia-se daquela descrita anteriormente, tanto pela forma como pelo método.

Visto desde o tempo presente, notem-se sinais de ocultamento do embate acadêmico aqui relatado. Em produção biográfica de 2014, Aldo Ferrer registra as principais publicações de sua carreira. No capítulo reservado aos anos de 1950,

destacam-se dois artigos que compõem o material de sua tese e, de igual maneira, integram o primeiro livro. O mais antigo deles aborda os centros cíclicos e o desenvolvimento da periferia latino-americana e um outro, em 1951, estabelece a parceria com Horácio Flores de la Peña. Acredita-se que os escritos cujo autor tenha classificado como pouco relevantes estejam ausentes da seleção, o caso do artigo aqui mencionado está devidamente oculto. Observa-se um silêncio em suas memórias permeado pela ausência de escritos sobre os diálogos com o estônio (ROUGIER, 2014, p.40).

Intitulado “*Distribución del ingreso y crecimiento economico*” e publicado na revista *El Trimestre Económico*, correspondente aos meses de abril-junho de 1954, o artigo aborda a discussão cara ao debate aqui assinalado. Assim como os demais materiais da década de 50, ele forma parte da tese de doutorado e, conseqüentemente, integra o livro datado de 1956, porém não recebe menção em suas recordações. Os personagens, por vezes, são críticos com os estudos confeccionados no período de juventude, sendo assim, entende-se o motivo pelo qual não são rememorados. O presente estudo reconhece um ponto em comum entre Celso Furtado e Aldo Ferrer em sua fase de jovens economistas, ambos expressam discordância ao modelo de explicativo de Ragnar Nurkse. Mesmo que não o façam de maneira integrada, há um movimento em comum no qual os sul-americanos se tornam sujeitos para interpretar a economia e o subdesenvolvimento. As ações descritas equivalem a um dos primeiros passos do que posteriormente seria reconhecido como nacional desenvolvimentismo.

Aldo Ferrer se destaca por ser o personagem mais novo deste estudo, por uma questão etária ele se encontra nos primeiros passos de sua carreira. Em 1954, em um artigo dividido em duas partes, reflete sobre o desenvolvimento econômico em sociedades periféricas. O autor menciona dados empíricos de López Rosado e Noyola Vásquez nos quais constata o aumento salarial médio da população empregada no México entre os anos 1939-1950, ainda que tenham diminuído em algumas categorias específicas. A sistematização o faz deduzir que o aumento de produtividade do trabalho em sociedades de renda concentrada e densamente habitadas dificilmente, no intervalo referido, aumenta a renda de quem trabalha. Os ganhos produtivos tendem a se concentrar no capital, ou seja, nos donos dos

empreendimentos. Estes dados se contrapõem ao pensamento no qual a elevação de produtividade se desdobra em melhoria da renda média rompendo o ciclo de estagnação em periféricas (FERRER, 1954, p. 143).

Anteriormente, o problema veiculado por Furtado no qual os intelectuais latino-americano generalizam tendo em vista os estudos parciais está em vias de superação. Ressalta-se que Aldo Ferrer argumenta considerando como fontes as informações estatísticas reunidas por pesquisadores mexicanos. O esforço se aproxima do debate estritamente acadêmico de época, o crescimento econômico em sociedades periféricas. O modelo abstrato referente às sociedades pouco desenvolvidas está em pauta e o personagem de nosso estudo reivindica não só seu espaço, mas também confere protagonismo a outros pesquisadores latino-americanos no reconhecimento de informações empíricas com as quais realiza as afirmações.

Retorna-se ao foco comparativo e se identificam que as críticas elaboradas pelo argentino que recaem sobre “O efeito demonstração” de Ragnar Nurkse. Ferrer se opõe a linha de raciocínio elaborada pelo professor da Universidade de Columbia. Em pauta está a questão da propensão a consumir dos indivíduos em países pouco desenvolvidos. Ele se contrapõe à ação do estômago quando descreve os membros da periferia como guiados pelos hábitos da classe alta dos países centrais. O autor invalida o sistema aproximativo com dados estadunidenses nos quais a propensão a consumir se relaciona com a localização do indivíduo no todo social. Naquela linha de pensamento, quanto mais baixo for seu extrato, maior será o esforço para manter o padrão médio de consumo e, por esta razão, menor será o espaço para a poupança. Desta maneira, na periferia quando maior a distribuição de renda, mais intensa será a demanda para consumir artigos importados.

Aldo Ferrer propõe uma reflexão divergente e assinala que Ragnar Nurkse está pouco atento às informações que se referem a linha da pobreza a partir da qual boa parte da população periférica se encontra imersa. Sendo assim, a sobrevivência está em risco de maneira que não há possibilidade de imitar os hábitos de consumo das nações desenvolvidas e repetir os moldes do centro. Outros fatores incidem como o emprego em larga escala de mão de obra no campo e as deficiências nos meios de transporte e comunicação para que os indivíduos conheçam os costumes

e os produtos utilizados no centro do sistema. O fragmento abaixo resume um dos momentos nos quais a crítica se torna clara:

La aplicación por Nurkse del "efecto de demostración" al caso de los países poco desarrollados nos parece de singular importancia porque puntualiza un fenómeno que caracteriza el desarrollo económico de esos países. Nurkse no individualiza, sin embargo, la causa última que, a nuestro juicio, hace asumir tan especial importancia al "efecto de demostración" en los países insuficientemente desarrollados, a saber, la acentuada desigualdad en la distribución del ingreso de esos países.

La omisión proviene, en nuestra opinión, de los términos de comparación que utiliza Nurkse en su análisis. Se refiere él a la influencia que sobre las normas de consumo de los grupos de bajos ingresos en los Estados Unidos ejercen las de los grupos de altos ingresos de ese país. Al llevar su análisis al plano internacional, Nurkse implícitamente supone que los países industriales ocupan el lugar de los grupos de altos ingresos en los Estados Unidos y los países poco desarrollados toman el lugar de los grupos de bajos ingresos en ese país. Existe, sin embargo, una diferencia fundamental.

Supongamos que el ingreso de la familia urbana promedio norteamericana, que Nurkse utiliza en su ejemplo como representativa de los grupos de bajos ingresos, no fuera de 1,500 dólares, sino de 300 dólares anuales. En este caso ¿cuál habría sido el impacto del efecto de demostración sobre aquélla? Seguramente ninguno, porque esa familia tipo viviría en un nivel de subsistencia o por debajo de ese nivel. En estas condiciones es difícil imaginar que esas gentes pudieran comprar automóvil, refrigeradora, etc. No ahorrarían, no por pretender imitar las normas de consumo de los ricos, sino porque serían muy pobres para ahorrar. En consecuencia, podemos sacar la conclusión de que el "efecto de demostración" sólo tiene validez para los grupos de bajos ingresos cuyos ingresos estén por encima del nivel de subsistencia y que pueden dedicar parte de sus ingresos a imitar las normas de consumo de los ricos (FERRER, 1954, p.169).

O efeito demonstração, a seu ver não se aplica devido à baixa renda média encontrada na população local que o impossibilita a incorporação de hábitos comuns em sociedades do centro. Um outro aspecto que recebe análise reside no nível de subsistência. O modelo de estagnação identifica os hábitos de consumo que imitam os dos grandes centros como uma das características que torna menor o mercado dos países pouco desenvolvidos, interfere na demanda, no consumo, na poupança e no investimento. Há, por parte de Ferrer, um desvendamento de um quadro econômico e social que o europeu não se interessa a respeito ou

simplesmente ignora. No decorrer de sua argumentação o economista argentino sustenta que a desigualdade é um dos entraves ao desenvolvimento dos países periféricos.

### **Conclusão**

A escolha em comparar Celso Furtado e Aldo Ferrer evidenciou uma conjuntura na qual ambos se insurgem contra os saberes consolidados no centro do sistema, os estudos de Ragnar Nurkse se somam em um exemplo selecionado. O cotejo de ambos os pensadores nos permitiu identificar um movimento contestatório que possui uma sucessão temporal e se realizou de maneira sequencial, havia uma demanda dos pensadores do sul por afirmarem seus conhecimentos. Observaram-se os sinais consistentes para as iniciativas para um pensamento autônomo dos intelectuais latino-americanos.

A questão agrária perpassou o debate, principalmente no que se referiu às características de mercado pequeno com concentração de renda. As grandes diferenças entre a renda dos indivíduos da sociedade agroexportadora entraram em debate. Enquanto o modelo de estagnação de Ragnar Nurkse enfatizou o ganho de produtividade e a densidade do mercado local, os latino-americanos a observaram de maneira crítica. A teoria do estômio gerou certo desconforto nos jovens intelectuais que se insurgiram de maneira desencontrada, mas o presente estudo reconstruiu alguns eventos factuais para esclarecer a sucessão de eventos com os quais o pensador europeu recebeu o contraponto dos pesquisadores do sul.

A hierarquia dos poderes se mostra vigente, os saberes do centro se apropriam do debate e os intelectuais dos países avançados demonstram ressalvas, ou até se negam, em estabelecer interlocuções acadêmicas em igualdade com os saberes do sul. Optou-se por retratar o debate de maneira pontual dando visibilidade ao contexto cronológico no qual o evento ocorre e a sucessão factual que demonstra minúcias da contradição de uma ordem do pensamento científico pouco adaptável ao protagonismo dos saberes periféricos. É relevante uma etapa a mais de desenvolvimento do estudo para que haja um aprofundamento nas críticas que o estruturalismo latino-americano elabora a respeito da produção científica do centro.

## Fontes

FERRER, Aldo. Distribución del ingreso y desarrollo económico. **El Trimestre Económico**, Vol. 21, No. 82(2) (Abril-Junio), pp. 141-184, 1954.

FURTADO, Celso. Formação de capital e desenvolvimento econômico. **Revista Brasileira de Economia**, setembro, Rio de Janeiro, p. 7-45, 1952.

## Referências Bibliográficas

BASTOS, C. P.; Oliveira, B. R. 2015. Revisitando o debate Nurkse-Furtado na década de 1950. **Revista de Economia Contemporânea** 24(3): p. 1-28. 2020.

BERTOLA, Luis; OCAMPO, José Antonio. **Desarrollo, Vaivenes y desigualdad: una historia económica de América Latina desde la independencia**. Ciudad de México: Fondo de cultura económica, 2013.

BLOCH, Marc. **História e Historiadores**. Lisboa: Teorema, 1998.

\_\_\_\_. **Os reis taumaturgos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

CAPELATO, Maria Helena R. **Multidões em Cena. Propaganda Política no Varguismo e no Peronismo**. Campinas: Papyrus, 1998.

CARDOSO, Ciro Flamarion; BRIGNOLI, Héctor Pérez. **História Econômica da América Latina**. Rio de Janeiro, Graal, 1983.

D'AGUIAR, Rosa Freire. Um encontro entre Celso Furtado e Fernand Braudel. **Estudos Avançados**, 34(100), p. 279-290. Epub, 11 de novembro de 2020.

D'AGUIAR, Rosa Freire; FURTADO, Celso. **Diários Intermitentes de Celso Furtado: 1937-2012**. São Paulo: Cia. das Letras, 2019. 446 p.

D'AGUIAR, Rosa Freire; FURTADO, Celso. **Correspondência intelectual 1949-2004**. São Paulo: Cia. Das Letras, 2021.

D'ARBO, Renata Cipolli. **Progresso Técnico e Subdesenvolvimento: Uma Síntese das Abordagens de Raúl Prebisch, Ragnar Nurkse e Celso Furtado nos Anos 50**. *História Econômica & História de Empresas*, São Paulo, v. VII, n.2, p. 133-164, 2004.

DETIENNE, Marcel. **Comparar o incomparável**. Aparecida: Ideias& Letras, 2004.

DEVOTO, Fernando; FAUSTO, Boris. **Argentina Brasil 1850-2000. Un Ensayo de Historia Comparada**. Buenos Aires: Ed. Sudamericana, 2009.

DONGUI, Tulio Halperin. **Historia contemporánea de América Latina**. Madrid: Editorial Alianza, 2007.

\_\_\_\_\_. "La CEPAL en su contexto histórico". **Revista de la CEPAL**, mayo de 2010. Pp. 55-76.

DOSMAN, Edgar. Los mercados y el estado en la evolución del "Manifiesto" de PREBISCH. **Revista de la Cepal**, Santiago, n. 75. p. 89-105, dezembro, 2001.

ELLIOTT, John. **El Atlántico español y el Atlántico luso: divergencias y convergencias**. Las Palmas. XX Coloquio de Historia Canario-Americana, 2012.

FERRER, Aldo. Los centros cíclicos y el desarrollo de la periferia latino americana. **El Trimestre Económico**, Vol. 17, No. 68(4) (Octubre-Diciembre), pp. 655-669.1950.

\_\_\_\_\_; Peña, Flores. 1951. Salarios reales y desarrollo economico. **El Trimestre Económico**, Vol. 18, No. 72(4) (Octubre—Diciembre), pp. 617-628,1950.

\_\_\_\_\_. **El estado y el desarrollo económico**. Editorial Raigal, Buenos Aires, 1956.

FURTADO, Celso. Características gerais da economia brasileira. **Revista Brasileira de Economia**, Março, Rio de Janeiro, p.7-37, 1950.

\_\_\_\_\_. La formación de capital y el desarrollo económico. **El trimestre económico**, septiembre, Ciudad de México, p. 88-121, 1953.

\_\_\_\_\_. **Capital formation and economics development**. International Economic Papers, Londres, p.124-144. 1954.

\_\_\_\_\_. La teoría del desarrollo en la evolución de la ciencia económica. **El trimestre económico**, septiembre, Ciudad de México, p. 438-447, 1954.

FRAGOSO, João; FLORENTINO, Manolo. "História Econômica" In: CARDOSO, Ciro; VAINFAS, Ronaldo. **Domínios da história. Ensaio de Teoria e metodologia**. Rio de Janeiro, Editora Campus, 1997.

GIRBAL-BLACHA, Noemí; MENDONÇA, Sonia. **Cuestiones agrarias en Argentina y Brasil. Conflictos sociales, educación y médio ambiente**. Buenos Aires, Prometeo Libros, 380 pp. ISBN 978-987-574-200-0, 2007.

\_\_\_\_\_. **Mitos, paradojas y realidades en la Argentina peronista (1946-1955): una interpretación histórica de sus decisiones político-económicas**. Bernal, Editorial Universidad Nacional de Quilmes, 2011.

\_\_\_\_\_. "La Argentina que no fue"? **Las economías regionales en la Revista de Economía Argentina**. Rosario, Prohistoria, 2018.

GRUZINSKI, Serge. **A águia e o dragão: ambições europeias e mundialização no século XVI**. São Paulo: Companhia das letras, 2015.

KATTLE, Jan; REINERT, Erik S. Ragnar Nurkse (1907-2007) **Classical Development Economics and its Relevance for Today**. Anthem Press, Nova York, 2009.

NURKSE, Ragnar. Problemas da formação de capitais em países subdesenvolvidos – seis conferências do professor Ragnar Nurkse. **Revista Brasileira de Economia**, 1951.

\_\_\_\_\_. Formação de Capital e desenvolvimento econômico: notas sobre o estudo de Celso Furtado. **Revista Brasileira de Economia**, 1952.

\_\_\_\_\_. “Some international aspects of the problem of economic development”, **The American Economic Review**, vol. 42, No. 2, May, 1952

\_\_\_\_\_. **Problems of Capital Formation in Underdeveloped Countries**, Oxford, Basil Blackwell, 1953.

\_\_\_\_\_. Formación de capital y desarrollo económico: notas sobre el estudio de Furtado. **El Trimestre Económico**, Vol. 20. No. 78(2) (Abril-Junio). pp. 292-305, 1953.

\_\_\_\_\_. **Problemas de formación de capital en países insuficientemente desarrollados**. Fondo de Cultura Económica, Ciudad de México, 1955.

MALLORQUÍN, Carlos. El joven Furtado y el pensamiento económico de su época. **European Review of Latin American and Caribbean Studies**, 64, June, p.68-104, 1998.

PRADO, Maria Ligia Coelho. **América Latina: História Comparada, Histórias Conectadas, História Transnacional**. Anuário - Universidad Nacional de Rosario, v. 24, p. 9-22, 2013.

PRADO, Maria Lígia Coelho. “A revista Cadernos do Nosso Tempo e a formulação do projeto desenvolvimentista”. **Revistas en América Latina: proyectos literarios, políticos y culturales**. Editado por Regina Crespo. Ciudad de México: Ediciones León, 1 a ed, 2010.

PREBICH, Raul. **El desarrollo económico de la América Latina y algunos de sus principales problemas**. Santiago de Chile: CEPAL, 1949.

RAPOPORT, Mario. **Historia económica, política y social de la Argentina 1880-2003**. Buenos Aires: Emecé, 2005.

RIBEIRO, Vanderlei. 2008. **Cuestiones agrarias en el varguismo y el peronismo: una mirada histórica**. Bernal: Editorial Universidad Nacional de Quilmes.

ROUGIER, Marcelo. **Aldo Ferrer y sus días. Ideas, trayectoria y recuerdos de un economista.** Conversaciones. Buenos Aires: Lenguaje Claro Editora, 2014.

SILVA, Ana Paula Barcelos Ribeiro da. **Diálogos sobre a escrita da história: Brasil e Argentina (1910-1940).** Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2010.

SIKKINK, Kathryn (2009) **El proyecto desarrollista em la Argentina y Brasil: Frondizi y Kubitschek.** Buenos Aires, Siglo Veintiuno, 2009.

SINGER, H. **Comercio e inversión en países poco desarrollados: distribución de las ganancias entre los países inversores y los *deudores*,** El Trimestre Económico, 17(66(2)), 232-251, 1950.

SOSA, A. J.; DIRIÉ, C. **Argentina y Brasil: industrialización, contexto internacional y relaciones bilaterales 1940-2010,** Buenos Aires, AmerSur, 2018.

VALDÉS, Eduardo Devés. (2003) **El pensamiento latinoamericano en el siglo XX.** Tomo II. Desde la CEPAL al neoliberalismo (1950-1990). Santiago, Chile: Editorial Biblos -Centro de Investigaciones Diego Barros Arana.

Recebido: 06/09/2021

Aprovado: 21/11/2022